

Editorial

Talvez no princípio tenha sido o verbo; ou, a imagem. Na pedra, no papiro, no papel e nos vitrais das igrejas, quebra-cabeças urdiam tramas e atualizavam mitos. À luz da fogueira, sábios narradores perpetuavam tradições. Outros, enquanto descansavam os pés do pó e da cultura estrangeiros, compartilhavam aventuras viajantes, alimentando o exercício da escuta, da pausa, da espera e do viver comunitário.

Nas narrativas orais, contava-se com o espaço do aqui e, com o tempo do agora, materializados no encontro analógico e performático entre os corpos. Já com o uso das imagens, depois somadas à ilusão de movimento, às palavras e a outros sons, amplia-se a potência de expressão e reconfigura-se a percepção do tempo: expandido, condensado, não linear, espiralado ou em mosaico. Dá-se vez a um olho-narrador, a câmera, que simula o olhar do leitor, oferecendo a imersão naquilo que é narrado.

Com a onipresença cotidiana das mídias em suas diferentes (e convergentes) plataformas, tecem-se enredos coletivamente. Narradores se tornam personagens. Tempo e espaço se confundem. As narrativas e os narradores persistem e exercem múltiplos papéis.

O exemplar *Narradores de Javé*, filme brasileiro de 2003, dirigido por Eliane Caffé, sugere muitas reflexões sobre o papel das narrativas. A pequenina Javé será inundada para que se construa uma represa. A única forma de se salvar o lugar é realizar uma narrativa, que servirá para se provar que ali existe um patrimônio histórico a ser preservado. Como poucos sabem ler e escrever, a missão de narrar os grandes feitos é passada a Antônio Biá, o carteiro da cidade, interpretado por José Dumont. Ocorre que Biá é um mentiroso. Mas não o único, pois cada habitante de Javé tem a sua própria versão dos fatos, que colidem, divergem, contradizem-se e às vezes convergem.

Com *Narradores de Javé*, é possível pensar que a narrativa, dos narradores orais às novas mídias, em constante transformação, faz uso da memória, da interpretação dos fatos e da fabulação. Porém, mais do que isto, e, talvez o mais importante: narrar é dar sentido ao caos, uma tentativa de salvar-se.

Que este dossiê sobre Narrativas Midiáticas possa proporcionar reflexões, dúvidas e questionamentos. E que também possa promover o encontro (comunhão e colisão) entre os corpos e suas narrativas.

Míriam Cristina Carlos Silva
Monica Martinez